ANO 23—SÉRIE VI Nº 195—1ª QUINZENA DE FEVEREIRO DE 1957 PREÇO $50

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES PCP

TODO O POVO DE LEIRIA

contra a companhia eléctrica das beiras

Para impôr maiores tarifas ao povo, para obrigar a Câmara de Leiria, sua concessionária a fazer novos contractos, a COMPANHIA ELÉCTRICA DAS BEIRAS, que detem o monopólio da distribuição da energia eléctrica no Concelho de LEIRIA, já há longos meses vinha fazendo cortes sistemáticos de energia que ultimamente se tornaram mais frequentes.

Como não podia deixar de ser, esta situação criou o descontentamento, o mal-estar e a revolta entre o povo de Leiria que decidiu *«Isto tem que acabar!»* E, se bem pensou, melhor o fez. Juntaram-se todos operários, comerciantes, industriais, párocos e mais habitantes — e numa bela manifestação de quanto pode a decisão e vontade de um povo, marcharam para o Governo Civil, no dia 25 de Janeiro, onde expuseram as suas reclamações. O COMÉRCIO E A INDÚSTRIA PARALIZARAM AS SUAS ACTIVIDADES; TODO O POVO SE INCORPOROU NA MANIFESTAÇÃO NO TOTAL DE ALGUNS MILHARES.

O que reclamou a Comissão que incluia representantes dos consumidores, dos comerciantes e dos industriais e que, acompanhada de grande número de manifestantes foi recebida pelo governador civil? Que a Companhia seja obrigada a normalizar o fornecimento e que lhe sejam aplicadas sanções pelos prejuizos causados. A Comissão protestou também contra o aumento das tarifas projectado que considerou uma *«perspectiva inadmissível»*.

Passou-se uma semana e a situação continuava na mesma. Esta foi obrigada a reunir com o governador civil e Lisboa e foi protestar junto do ministro do Interior.

A forte unidade que até aqui tem dado provas o valente povo de Leiria forçou, primeiro o governador e depois o ministro do Interior a atender os seus pedidos justos. O ministro foi mesmo obrigado a prometer que as coisas se normalizariam. Mas, essa promessa parece encobrir o propósito de consentir no aumento das tarifas, como é desejo da Companhia, o que aliás não será de admirar, dado que o governo do Salazar é o governo dos grandes monopólios.

Trata-se pois, para o povo de Leiria de manter e reforçar a sua unidade, de se manter vigilante quanto ao cumprimento das promessas do ministro e de impedir, pela sua luta, que a Companhia, com o apoio do governo leve por diante os seus intentos de aumentar as tarifas de eléctricidade. E o povo pode impedi-lo.

OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS INDICAM O CAMINHO
A TODOS OS ANTI—SALAZARISTAS

Levantando-se em defesa das suas associações escolares e pelo direito ao convívio nacional e internacional entre si, milhares de estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto têm mostrado neste mês e meio de luta que não querem tuteles, mas sim colaboração amiga; que não querem isolamento, mas sim convívio e troca de experiências entre si e com os estudantes dos outros países.

Neste mês e meio de luta árdua e difícil, os estudantes do ensino superior de todo o país alcançaram já uma importante vitória, a transformação do decreto 40.900 em proposta de lei.

Agora a Câmara Corporativa vai discutir esta proposta de lei, o que coloca aos estes a necessidade e o dever de fazerem chegar à Câmara Corporativa os seus anseios — O QUE QUEREM VER MODIFICADO. Os estudantes nunca deverão esquecer que as autoridades fizeram tudo para impedir os 2.500 estudantes que se movimentaram em frente da Assembleia Nacional de aqui entrarem, e que só a sua firmeza e serenidade ante as brutais agressões das forças policiais que o governo atirou contra eles lhes permitiu vencer. A presença de 1.700 estudantes dentro da Assembleia Nacional foi o principal factor que levou os deputados a não aprovar o decreto sem emendas.

Por outro lado, os estudantes não poderão ignorar que o nosso povo está com os olhos postos neles e lhes mostra toda a sua simpatia su apoio, porque sabe que a luta dos estudantes por escolas livres é a sua própria luta pela liberdade.

Os estudantes não se deixam corromper e não se vergam ante as ameaças e as agressões

Os governantes salazaristas não cibarem a meios para dividir os estudantes, impedir a sua justa luta.

Ante a indignação unânime dos estudantes causada pela publicação do decreto 40.900, o próprio ministro e também o Subsecretário de Educação e o Reitor da Universidade de Coimbra não hesitaram em garantir informalmente dos dirigentes académicos de Coimbra que o decreto não atingiria a sua Associação, se os estudantes desta universidade se desligassem dos seus colegas de Lisboa. Bons educadores, não resta dúvida! Por sua vez, o ministro da presidência, Marcelo Caetano, pretendeu enganar os estudantes de Lisboa dizendo a alguns dos seus representantes que estava preocupado com o assunto do decreto, que dois dos três estudantes nomeados pelo governo para a comissão circum-escolar e um professor não tinham aceitado pertencer a ela. Que, por isso, o governo estava obrigado a suspender o decreto, mas, dizia, com a condição de os estudantes pararem imediatamente com a agitação, pois, dizia, o governo queria entrar numa nova era de colaboração com a juventude. Provocar a confusão entre os estudantes, confundi-los e dividi-los, para depois lhes impôr a sua vontade, eis a fórmula educadora do Sr. Marcelo Caetano.

Se era intenção do governo suspender o decreto, porque o não fez à primeira reacção dos estudantes? Porque não teve na devida conta os justos pedidos dos estudantes de todo o país? A *«agitação»* dos estudantes parecia logo ao governo estar livesse procedido.

Se era intenção do governo entrar numa nova era de colaboração com a juventude, porque não aceitou a colaboração dos estudantes quando estes, já em Outubro passado, pediram para serem ouvidos, para darem as suas opiniões? Porque não ordena a reabertura de todas as associações? Porque não consente que todos os estudantes, todos os jovens, se organizem livremente?

Porque teima em se opôr arbitrariamente à realização do Congresso Nacional dos Estudantes? Não seria acaso num congresso, mas num congresso organizado e realizado livremente, que os estudantes poderiam debater os seus problemas e dar conhecimento deles ao governo?

Seria, sim. Mas o governo seguiu um outro caminho. Quando os estudantes de Lisboa, no uso de um direito consignado na Constituição, se preparavam para entregar uma petição subscrita por cerca de 3.000 na Assembleia Nacional e assistir à sessão, o governo atirou contra eles poderosas forças repressivas para os impedir de usar daquele direito. Mais, o presidente da Assembleia Nacional recusou-se a receber a petição dos estudantes de Lisboa.

Que se conclue de tudo isto? Conclue-se que foram o governo e o presidente da Assembleia Nacional que se colocaram fora da própria lei fascista e foram os estudantes que lutaram pelo seu cumprimento.

Solidariezemo-nos com os estudantes

A luta nacional dos estudantes é mais um reflexo do descontentamento popular que cresce contra a ditadura salazarista, eis tem sido uma demonstração brilhante de como é possível fazer recuar o governo nos seus atentados contra os direitos dos cidadãos.

Estudantes como o monárquico Figueiridos, como o católico Carlos Fortes, como Alvaro Barreto (sobrinho do professor Salazar Barreto) e muitos outros foram agredidos brutalmente pelas forças policiais.

O Partido Comunista Português solidariza-dizo-se com os estudantes e apela para que a classe operária, todos os trabalhadores, todos os anti-salazaristas sem distinção de crenças religiosas e tendências políticas manifestem a sua solidariedade aos estudantes de Lisboa, protestando contra as agressões de que foram vítimas.

Enviemos mensagens de apoio e solidariedade aos estudantes universitários de todo o país e às suas associações!

Enviemos cartas, postais, exposições, etc., ao governo, Assembleia Nacional, Câmara Corporativa e aos professores universitários pedindo que sejam satisfeitas as reivindicações dos estudantes!

Firmes e unidos e com a ajuda e simpatia das massas populares, e em primeiro lugar da classe operária, os estudantes triunfarão.

O triunfo dos estudantes será um triunfo de todo o povo na sua luta pela liberdade. Ajudemos, pois, os estudantes a vencer.

A. CUNHAL E H. GALVÃO
devem ser libertados

Não obstante perfilharem ideias políticas absolutamente antagónicas, Alvaro Cunhal e o capitão Henrique Galvão sofrem há longos anos nas masmorras salazaristas, ambos já terminaram as penas a que foram condenados injustamente e, não obstante isto, ambos continuam presos arbitrariamente.

Os salazaristas ousam falar em países livres, em liberdade, em justiça, em legalidade, etc., mas, como se vê, tudo isso soa a falso na boca deles. Eles não cumprem mesmo as suas próprias leis de excepção. Isto coloca ante cada trabalhador, ante cada português, o sagrado dever de contribuir por todos os meios que estejam ao seu alcance para que a legalidade triunfe em Portugal. Para já é preciso que todos façam alguma coisa para obter a libertação de Alvaro Cunhal, do capitão Henrique Galvão e de todos os presos políticos com as penas terminadas.

A IMPORTÂNCIA POLÍTICA DO RECENSEAMENTO

A UNIÃO SERVE O POVO, A DESUNIÃO SÓ SERVE A CAMARILHA SALAZARISTA

Já há meses que o Partido Comunista Português se pronunciou pela participação da oposição anti-salazarista nos próximos actos eleitorais. Se bem que os outros partidos e grupos da oposição não tenham ainda dado a conhecer públicamente a sua posição, tudo parece indicar que se preparem para participar neles.

NATURALMENTE, QUE TERIA UMA GRANDE IMPORTÂNCIA POLÍTICA NACIONAL QUE ESSES PARTIDOS, MOVIMENTOS E GRUPOS POLÍTICOS DA OPOSIÇÃO SE PRONUNCIASSEM PÚBLICAMENTE SOBRE O ASSUNTO E EXPUSESSEM OS SEUS PROGRAMAS E AS CONDIÇÕES EM QUE PENSAM PARTICIPAR, QUER DIZER, SE ERA UNIDADE COM TODOS OS ANTI-SALAZARISTAS OU SE SEPARADOS, MAS ISSO É UM PROBLEMA QUE SÓ A ELES DIZ RESPEITO. LONGE DE NÓS PRETENDER EMISCUIR-NOS NA SUA VIDA INTERNA.

O Partido Comunista Português, como é já do conhecimento público, tem feito apelos constantes a todos os partidos e grupos políticos democráticos no sentido de todos marcharmos unidos para as próximas batalhas eleitorais, na base de uma plataforma comum. Infelizmente até hoje ainda nenhum desses partidos ou grupos políticos respondeu aos apelos do nosso Partido.

O Partido Comunista Português tem considerado e considera que a oposição democrática e anti-salazarista só poderá alcançar sucessos nas próximas batalhas eleitorais se se apresentar unida num verdadeiro bloco eleitoral anti-salazarista, sem queiquer exclusões.

O Partido Comunista Português tem considerado e continua a considerar que a falta de unidade de acção entre todos os anti-salazaristas só serve a camarilha salazarista. Entretanto, parece que nem todos têm ainda plena consciência disso o que, segundo nós, representa um mal para todos as forças anti-salazaristas em geral e para cada uma delas em separado, e, em primeiro lugar, para o nosso povo.

Todavia, o Partido Comunista Português considera que se as grandes massas populares, se a classe operária, se os camponeses, se os intelectuais, se os estudantes, se todos aqueles que já hoje se pronunciam pela ampla unidade anti-salazarista contra o governo fascista de Salazar se pusorem em movimento na luta pelas suas reivindicações económicas, sociais e políticas, se se organizarem em amplas comissões recenseadoras e eleitorais, ajudarão todos os que ainda hesitam a compreender que só unidos as forças democráticas e anti-salazaristas terão possibilidades de alcançar vitórias sobre a camarilha salazarista.

Pronunciando-se o Partido Comunista Português pela participação da oposição democrática e anti-salazarista nos próximos actos eleitorais e estando certo de que todas as forças de oposição se preparam para participar neles, o recenseamento de todos os portugueses e portuguesas com direito a voto assume enorme importância política. Agora não se trata já apenas de todos se recensearem independentemente da ida ou não às eleições, MAS SIM DE TODOS SE RECENSEAREM PARA PARTICIPAR NAS ELEIÇÕES, PARA SE IR ATÉ À ÉPOCA DAS URNAS.

Muitas são as dificuldades a vencer para todos se recensearem. Por outro lado, é preciso ter presente que muitos portugueses não sabem mesmo o que fazer para se recensearem e um grande número ignora mesmo que haja recenseamento.

Sendo assim, necessário se torna a constituição de Comissões Recenseadoras ou Eleitorais e a montagem de postos de recenseamento por toda a parte, para ajudarem todos os portugueses e portuguesas com direito a voto a recensearem-se, sem qualquer preocupação de se saber quem se ajuda a recensear. O QUE IMPORTA É QUE TODOS SE INSCREVAM NOS CADERNOS ELEITORAIS.

Iremos às eleições (esta a posição do nosso Partido) e por isso, a batalha pelo recenseamento de todos deve ser levada até ao fim, até ao último dia, 15 de Março, com entusiasmo e tenacidade, pois cada um deve ter presente que já não haverá outro período de recenseamento até às eleições para deputados.

A Unidade serve o Povo. A divisão serve apenas a camarilha salazarista.

Que todos se recenseiem!

Que todos se preparem para votar!

MAIS DE 600 CAMPONESAS
FIZERAM GREVE

As valentes camponesas de BENCATEL começaram a trabalhar na apanha da azeitona sem jorna estabelecida. Os agrários pagaram 8$00, 9$00 e 10$00 na primeira e na segunda semana. No começo da terceira semana MAIS DE 600 MULHERES resolveram pedir 12$00. Os agrários recusaram-se a ceder. ENTÃO AS CAMPONESAS PUSERAM-SE EM GREVE. E, duma forma organizada, caminharam para a vitória formaram piquetes de mulheres que à saída das ruas da localidade tinham por missão impedir que outras camponesas escolasem os 12$00. Chegaram mesmo a formar cordões na estrada para impedir que uma camioneta com 20 mulheres contratadas por um agrário a 10$00, avançasse, e conversaram com as suas companheiras que abandonaram todas a camioneta. O agrário teve que dar os 12$00. O mesmo teve que fazer outro agrário António Simões que quando as camponesas lhe foram pedir 12$00 responderai: *«Só 12 tiros!»*.

Todas unidas, firmes, corajosas e decididas as valentes camponesas de Bencatel alcançaram uma bela vitória e mostraram a todos os trabalhadores como é possível, em qualquer trabalho, não aceitar as jornas que fome que os agrários sempre querem pagar.

Como se alcançaram mais vitórias

Foi a disposição de luta e a unidade das camponesas de SOUZEL que lhes permitiu conquistar a jorna de 20$00 para os homens e o pagamento de 10$00 para as mulheres em vez de 17$00 e 8$00 respectivamente que os agrários queriam pagar na apanha de azeitona.

A bela vitória conseguida pelas camponesas de BENAVILA e de AVIS que conquistaram, pela sua luta, um contrato que lhes deu 40$00 a mais de jornas na apanha da azeitona, foi também um fruto da sua unidade, combatividade e firmeza.

Outros aumentos foram conseguidos, sempre por meio de lutas: de 2$00 por dia por 10 trabalhadores do agrário Mário Claro, por 6 na herdade de «Ameixial Celtos», pelos trabalhadores do agrário Manuel Agostinho, todos estes em MOURA; por 8 trabalhadores da herdade Negrito em SANTO ALEIXO; de 4$00 por dia pelos trabalhadores da herdade de MOURÃ. Trata-se de pequenas lutas é verdade. Mas são as pequenas lutas vitoriosas que abrem o caminho às grandes lutas.

No luta contra o desemprego também os camponeses alcançaram algumas vitórias porque agiram unidos concentrando-se nas Casas do Povo e reclamando trabalho. Em BALEIZÃO 70 dos 200 desempregados conseguiram trabalho e em MONTOITO 60. Os camponeses sabem que a sua luta só pode acabar quando todos tiverem conseguido trabalho. Por isso em BALEIZÃO, em ERMIDAS e em muitas localidades do Alentejo a luta continua.

Porque não venceram os trabalhadores de Brinches?

Os trabalhadores e trabalhadoras linham assente não aceitar jorna inferior a 30$00 (homens) e 20$00 (mulheres) na apanha da azeitona. Mas não souberam chamar à luta e convencer os ranchos de fora, que os agrários contrataram, da necessidade de lutar por aquela jorna. É porque isto não foi feito, as jornas alcançadas foram de 20$00 e 24$$00 homens e mulheres de fora que trabalharam por 17$00 (h.) e 10$00 (m.)! Mais uma vez quem lucrou com a divisão dos trabalhadores foi o patrão. E não era à pancada (como chegaram a pensar alguns trabalhadores) que os de Brinches convenceriam os de fora a só aceitar a jorna estabelecida, mas sim conversando, explicando e esclarecendo, procurando fazer-lhes ver que se o não fizessem uns e outros sofriam prejuízos como sucedeu.

GES PCP

OS COLONIALISTAS PORTUGUESES NA O.N.U.

O governo de Salazar está mal colocado na ONU. Tendo aceitado os seus princípios não os cumpre em parte alguma. Para responderem às acusações contra o colonialismo de que são alvo na ONU, os salazaristas não encontram outro argumento além da eterna ladainha de que não existem colónias portuguesas, mas sim províncias como são as do Minho ou do Algarve, onde todos os habitantes gozam dos mesmos direitos.

Entretanto, os factos mostram bem o contrário. Assim pergunta-se: Será porque os povos das colónias têm direitos iguais aos da Metrópole que ao fim de mais de quatro séculos de domínio português as estatísticas oficiais de 1951 sómente tenham dado como civilizados 25.000 negros de Angola e 4.377 de Moçambique numa população de respectivamente 4.065.248 e 5.644.000? Com esta ritmo civilizador quantos séculos faltarão ainda para civilizar estas populações? Os salazaristas que respondam.

Será ainda por terem direitos iguais aos dos brancos que os negros de Angola e Moçambique são enviados à força em imundos porões de navios para as roças das ilhas de S. Tomé e Príncipe? Será ainda por terem direitos iguais aos dos brancos que na colónia de Moçambique são arregimentados todos os anos mais de 100 mil negros para irem trabalhar para as minas do Transvaal, o que traz para as colonialistas um rendimento de 50.000 contos anuais?

Será também, por exemplo, por ter direitos iguais que um chofer negro nas colónias, fazendo o mesmo serviço que um chofer branco recebe 6 e 7 vezes menos salário?

A estas e outras perguntas que poderíamos fazer, que respondam se puderem os salazaristas e os seus defensores de ocasião. E se puderem respondam também porquê numa população de mais de 10 milhões de negros de Angola e Moçambique não há um único representante da sua cor na chamada Assembleia Nacional?

O próprio delegado português na ONU, senhor Franco Nogueira, em 4-2-957 foi forçado a dessdizer-se ao reconhecer que em três das chamadas províncias ultramarinas, Angola, Moçambique e Guiné a população não goza de direitos iguais devido a ser-lhe aplicado o estatuto do indígenato. Assim pergunta-se: quem é que fala verdade? O senhor Franco Nogueira ou o ministro do Ultramar, que no mesmo dia declarava que, *«Portugal não tem territórios não autónomos porque as populações das províncias ultramarinas administram-se a si próprias.»* Positivamente os governantes salazaristas estão já a meter os pés pelas mãos e o que eles não podem esconder é que o facto de terem mudado o nome de colónia para província em nada modificou as coisas.

Claro que não se deve confundir, de modo algum, a epopeia dos descobrimentos e o que eles representaram para o progresso da Humanidade, assim como o velor militar demonstrado pelos portugueses de antanho com a política colonial, de rapina que sempre seguiram as classes dominantes de Portugal.

Esta verdade histórica foi deturpada pelo representante do Brasil na ONU, Sr. Grieco, em relação à sua própria Pátria, ao declarar que nunca as relações entre Portugal e o Brasil foram de senhor para escravo. Os brasileiros de antes de 1822 tinham uma opinião absolutamente oposta. Nessa altura é escrevia-se que o colonizado no Brasil. A história ensina que muitos patriotas brasileiros pagaram com a vida os seus anseios de libertação do jugo colonial português.

Os colonialistas portugueses tiveram também o seu defensor. Pudera, se só a concessão feita pelo actual governo português à companhia norte-americana Gulf Oil C.ª cobre 120 mil quilómetros quadrados, ou seja, quase vez e meia o território de Portugal! E que dizer dos interesses dos monopólios norte-americanos nas minas de diamantes de manganês de Angola e nas minas de manganês de Goa? Ao fim e ao cabo as imperialistas norte-americanos ao defenderem o governo de Salazar defendem os seus próprios interesses.

A despeito do furor dos colonialistas de todas as latitudes, o sistema colonial desmorona-se. Nem mesmo a força do mundo poderá deter a luta vitoriosa dos povos coloniais e dependentes, pela sua liberdade e independência.

TRIBUNA DOS LEITORES DO "AVANTE!"

«LUTEMOS PELO AUMENTO GERAL!»

Publicamos hoje as declarações que fez ao «Avante!» o operário metalúrgico J. N., de 35 anos.

«Tenho mulher e um filho e ganho 38$. Gasto a fóra toda na comida o mesmo assim não chega. Tive que alugar os quartos todos a hóspedes que me pagam a renda da casa, se não fosse isso tinha que ir viver para uma barraca. A roupa e o calçado gastam-se até à última e quanto a dinheiro para distrações, nem falar nisso... Adoeci há tempos e tive que fazer uma subscrição entre os companheiros senão não tinha dinheiro para comer nem para comprar os remédios, pois na primeira semana de doença não recebemos nem um tostão.

Hávamos de um ano que não temos aumento. Eu já trabalho nesta empresa há 7 anos e o aumento que tive até agora foram 6$! Estou de acordo em que devemos trabalhar para que o nosso sindicato consiga um aumento para a classe, e também vamos pedir aos patrões que nos dêm aumento. Também acho que deviam pagar os feriados como antigamente e até o domingo nós tínhamos direito de ganhar porque ao domingo também se come.»

UMA LIÇÃO

— Uma fábrica de cortiça de Lisboa tem 5 encarregados, dos quais 4 já apanharam grandes tareias dos operários. O último ficou 10 dias de cama. Ao voltar do «motim» pediu a demissão. Como encarregado ganhava 120$00 por dia. Agora passa a ganhar 55$00 como operário. Há tareias bem empregadas, como esta. Pelo que parece o homem tomou juízo... Mas esta não é a melhor solução visto que o operário que o pratica sofre as suas consequências. É despedido, etc..

A melhor solução é os operários unirem-se todos quando se trata de existência de um encarregado malandro na fábrica e exigirem do patrão que o despeça ou o tire da turma de encarregado.

Um operário corticeiro

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

NOVEMBRO DE 1956

A. Cunhal	20.00
Aos Perseguidos	455.50
Amigos de Alpiarça	20.00
Auxi. à libar. do C. Vitoriano	15.00
Idem	10.00
Aux. ao Fert.	100.00
Fr. Mig. (P)	350.00
Libert. do C. Vigiano	71.00
Idem	20.00
Idem (F)	65.00
Idem (F)	65.00
Luta do povo	610.00
Persistência da luta	75.00
Proletários	450.00
Idem	20.00
Pela Paz	20.00
Santos	1.000.00
Textil	10.00
Um emi. de P.	18.00
Um Aliado do Partido	1.000.00
Um amigo do «Avante!»	5.00
Unidade Anti-Salazarista	500.00
Vermelhos do Sul	110.00
Viva o Partido	450.00
8 de Março	20.00

DEZEMBRO DE 1956

Abaixo o Bié	10.00
Africa revolucion. (11-12)	40.00
Alberto (B)	100.00
Alf. Lima (A)	40.00
Am. de Sousa	518.00
Idem (S)	120.00
Aug. Costa (F)	14.50
Intelligente	40.00
Avante oper. const. navais	382.00
Bandeira moscovita	65.00
B. Gonçalves AA	20.00
Boa via	1.500.00
Boa Via	1.000.00
Camarada Estevez 11-12	40.00
Campino A	7.50
Campon. colect.	500.00
Cavaleiro da Esperança	80.00
C I D	50.00
Direitos Humanos	182.50
Dnieper (11)	50.00
Esperança no futuro	415.50
Ferreira Marq.	385.00
Ferrovia	70.00
Idem	70.00
Gelen 7-8-9	50.00
Grupo Demitrov	1.100.00
Idem Manuilski 11-12	40.00
Homen. ao grande amigo	50.00
S.P. Gomes	50.00
Homen. a L. Prestes	15.00
Irmã de um camarada	100.00
Intelligente	70.00
José Gregório	246.60
Idem 1 R	500.00
José Magro (J A)	1.000.00
José Moreira (A)	149.00
José Neves A	55.00
José Vitorino A	16.00
Jovem Pioneiro	38.50
Lisb n. 101	256.00
« nº 6	108.50
« nº 43	10.00
« nº 8	25.00
« nº 2	66.00
« nº 26	80.00
« nº 86	53.50
« nº 71	20.00
« nº 85	75.50
« nº 165	1.117.00
« nº 347	14.00
« nº 348	2.50
« nº 8 A	42.50
« nº 45 A	22.00
« nº 41 A	75.00
« nº 69	12.50
« nº 48	2.50
« nº 46	21.50
« nº 45	57.50
« nº 31	144.00
« nº 66	52.00
« nº 260	174.50
« nº 281	57.50
« nº 282	80.50
« nº 271	62.50
« nº 325	15.00
« nº 274	25.00
« nº 275	35.00
« nº 279	67.50
« nº 341	200.00
« nº 342	45.50
« nº 344	154.00
« nº 350	720.00
Listas perdidas	557.00
Lista F. Marq. (Est.)	150.00
Idem (Cas)	60.00
Lib. pres. poll.	100.00
Lib. de Duarte	50.00
Lista Ferrovi.	75.00
s/ por Amnist.	12.00
Maneca	25.00
Manuel Gued.	50.00
Manuel Rod.	20.00
da Silva ($)	200.00
Marinha Vermelha	126.50
Militão	20.00
Idem	20.00
Militão Ribeiro	2.142.00
Militão Ribeiro	127.50
Mulheres progress. (M)	88.00
Idem	100.00
Multi. q. Luten	47.00
Mudança de regime	200.00
Nova era	10.00
O Fascismo morrerá	19.50
Oper. latam	110.00
Pais de Paz	287.00
Pão, Paz e Cultura	120.00
Para vitória do Partido	200.00
Paz e Trabal.	50.00
Pelo Dem. Pop.	45.00
Idem O	15.00
Idem, pela lib. de F. Miguel	100.00
Pela lib. de A. Cunhal	200.00
Pela vitória da Unidade	200.00
Idem	5.000.00
Polo surgimento da verdadeira frente Nacl. Anti-Salaz.	500.00
Por. Gomes AA	17.50
Pires Jorge AB	616.50
Idem (11)	295.00
Poeta Progressivo	20.00
Por uma empla amnistia	10.00
Pró Amnist. V	25.00
Progressista	122.00
Pró Luta	100.00
Postal Verm.	8.00
Serg. Vilarigues (AB)	60.00
Simpatizantes ferroviários	17.50
Stakanov (11)	60.00
Tipog. em luta	500.00
Trab. Derrubar o fascismo	550.00
Todos ao recenseamento	40.00
Udarnik	160.00
Um novo com.	10.00
Um ribatejano amig. da Paz	500.00
Unidade, arma da vitória	110.00
TOTAL	31.322.60

ATÉ QUANDO?

Em toda a imprensa diária, revistas e outras publicações, assim como no rádio se reflete o descontentamento, o mal-estar e o desgosto que entre os artistas e demais gente ligada ao teatro, ao cinema e à rádio causa a existência duma ferrea censura que, como um garrote, sufoca toda a produção e representação dramática e cinematográfica. O chamado subsídio não passa afinal de mais um reforço daquela censura pois que quem o recebe fica obrigado a representar o que lhe impõem e, por vezes, é à última hora, depois das despesas feitas, que vem a ordem da censura: *«fora!»* Assim se explica que, a despeito de receber um subsídio oficial, o empresário Vasco Morgado, por exemplo, tivesse este ano um prejuízo de mais de 300 contos na exploração do teatro Avenida, em Lisboa.

A desolação, a tristeza, o desespero invadiram e emurgeram o coração de muitos artistas do tablado e da tela. MANUELA PORTO, SARA VALE e mais recentemente LAURA ALVES (esta felizmente salva a tempo) foram atiradas por este estado de coisas para o caminho do suicídio. E quantos não têm sido obrigados a abandonar os palcos e os estúdios, o seu modo de vida, a sua aspiração máxima! Quantos, homens e mulheres não caíram no desespero duma situação sem perspectivas e que seria chagar cada vez mais fundas nas suas almas desalentadas por tantas lutas vãs, por tantas esperanças queimadas!...

Lutas vãs porque foram conduzidas quase isoladamente sem o aproveitamento daquele espírito de camaradagem que transforma os artistas em membros duma mesma família, que afinal sofre toda com o mesmo: a crise do teatro e do cinema.

E não se diga que o nosso povo não gosta de bom teatro. Para provar que sim aí está o êxito alcançado pela Companhia brasileira de Maria Della Costa.

Não se diga também que temos falta de talentos ou valores entre a gente do teatro, cinema ou da rádio. Quantos não se têm tornado elementos de primeira grandeza no estrangeiro onde foram buscar o ambiente que lhes faltava na sua terra! O que falta é dinamismo de criação, é verdadeira protecção às artes e às letras. Mas, o clamor de descontentamento que cresce entre a gente de teatro e cinema e restante povo contra a censura, a causa fundamental desta crise, acabará por se tornar tão forte que obrigará o governo a pôr-lhe fim. Pois que se unam gente de teatro, cinema e rádio, escritores, poetas, artistas, etc. e apelem para o apoio de todo o povo para pedirem que acabe a censura, que o teatro e cinema sejam materialmente ajudados pelo Estado, mas sem que isso implique imposições de qualquer ordem.

Só então poderemos falar do resurgimento do teatro e do cinema português.

OS SALÁRIOS E ORDENADOS TEM QUE SUBIR!

A própria experiência de cada um, seja ele operário, empregado, militar, dona de casa ou trabalhador intelectual, mostra todos os dias que os preços dos artigos de grande consumo (alimentação, vestuário, medicamentos, etc), assim como as rendas da casa sobem vertiginosamente e que, como os salários e vencimentos não sobem, (ou quando sobem é muito pouco e só à custa de tenaz luta) a vida vai-se tornando cada vez mais difícil, muitas vezes insuportável. E não há *«estatísticas»* ou discursos que possam encobrir esta triste verdade: o nosso povo vive cada vez pior, a fome e a miséria são cada vez maiores. Isto para falar apenas de comer e vestir, sem sequer nos referirmos às necessidades espirituais: recreativas, culturais, etc, que são privilégio de uns milhares entre os 8 milhões de portugueses.

Sendo assim pode perguntar-se: Então se esse sentimento de insatisfação é geral, se a miséria é tão grande que muitas vezes nem sequer o chamado *«mínimo vital»* se consegue, porque é que o nosso povo não reclama em massa melhores condições de vida, melhores salários e ordenados? O que o governo, aqueles sobre cujos ombros recai a responsabilidade deste estado de coisas, têm nestes 30 anos de opressão prometido, prometido sempre, por um lado, e por outro aterrorizado, ameaçado e até assassinado os que se levantam por melhor vida para o povo. A memória e o cacete têm sido as grandes armas dos governantes salazaristas.

O povo porém começa a compreender esta simples realidade: só pela sua própria luta poderá melhorar a sua vida e dos seus, já que nada há a esperar dum governo que só protege os mais ricos da burguesia, da terra e da banca, cujos interesses defende como um cão fiel. É os pedidos de aumentos de salários e ordenados sucedem-se vitoriosos sempre que os trabalhadores se unem e insistem, insistem sempre até serem atendidos como sucedeu recentemente na Shell, (de 10 a 30%), na Vacuum, de 20 a 50%, na Hauser & Fernandes, na Refinaria Colonial, (5$00 a 7$00 por dia), em LISBOA. Nos estaleiros de Borges do Rego e nos de Fialho, em PORTIMÃO, na serração de Eduardo Lopes, em LEIRIA, numas obras no Barxal, etc..

Porém, dentro de pouco tempo os aumentos conseguidos são logo anulados por novo aumento do custo da vida. Porque sabem que o governo de Salazar é o governo dos grandes patrões, estes escusam-se por todas as formas a atender os pedidos dos operários e empregados. Só a insistência, a firmeza e sobretudo a unidade dos trabalhadores poderá levá-los a obter o que reclamam: AUMENTO DE SALÁRIOS. E, quando se pensar da sua insistência e da justiça das suas reclamações, não forem atendidos, os trabalhadores não devem hesitar em recorrer a formas superiores de luta indo até às paralizações curtas ou longas de trabalho, À GREVE.

Na empresa, no escritório, no Banco, na Escola, nas repartições esta é a luta de todos os que vivem da sua actividade, seja ela manual ou intelectual. Esta é ainda a luta das donas de casa, a quem cabe a espinhosa tarefa de esticar os salários e ordenados. Seria de desejar que, por todas as formas ao seu alcance, elas apoiassem a luta dos maridos, pais, filhos, irmãos ou parentes, nas empresas, nas companhias ou noutros locais onde eles trabalham, ali se concentrando ou para lá enviando o seu apoio colectivo aos seus parentes em luta, ou ainda reclamando junto das autoridades um aumento geral dos salários e vencimentos, para que estes acompanhem a subida do custo de vida.

E não tenhamos dúvidas: só quando se sentir assediado por todos os lados, só quando se convencer de que TODOS estão dispostos a lutar é que o governo tomará medidas para que subam os salários e vencimentos.

MAIS VÍTIMAS DA CAMPANHA DA PRODUTIVIDADE

Devido ao trabalho de empreitada imposto aos mineiros de Aljustrel para elevar a produção, aumentam cada vez mais os desastres que vão roubando a vida a alguns mineiros e deixando outros incapacitados para o trabalho.

Só no mês de Novembro ocorreram 2 desastres na mina de Aljustrel, perdendo a vida um mineiro e ficando mais três gravemente feridos.

Outro desastre deu-se porque um mineiro, tendo que acender muitos tiros a seguir, acabou por ser apanhado pela explosão do primeiro quando ainda acendia o último.

Tudo isto se passa com um desprezo absoluto por parte da direcção da mina, dos encarregados e das autoridades. O desprezo é tal que a empresa em vez de chamar uma ambulância pretendeu enviar para Lisboa num furgão de mercadorias um mineiro gravemente ferido, o que só não aconteceu porque os mineiros, indignados, a isso se opuseram.

Apesar da oposição da empresa, os mineiros foram em massa ao funeral do companheiro morto e exigiram que lhes fossem pagas as horas perdidas.

Um mineiro que no cemitério disse algumas palavras lembrando a exploração de que eram vítimas por parte de uma companhia estrangeira e o desprezo a que esta votava os mineiros e suas famílias, foi chamado à PSP e à gerência que o ameaçaram de prisão e despedimento. Para isto já as autoridades e gerência estão atentas!

Os mineiros de Aljustrel mais uma vez tiveram a prova de quanto a sua unidade e luta lhes garantiu o aumento de salário por que vêm lutando há mais dum ano, devendo também lutar para acabar com o trabalho de empreitada.

«DEBAIXO DE CHUVA NÃO TRABALHAREMOS»!

A CENTRAL TEJO, das CRGE, em Lisboa, tem estado a trabalhar de dia e de noite. Na madrugada de 28 de Dezembro os 50 carregadores da carvão e cinzas foram surpreendidos na sua curta jóina por uma chuva gelada e resolveram unânimemente parar o trabalho. O tempo passava, as caldeiras começavam a ir-se abaixo, mas os carregadores recusavam-se a pôr em risco a sua saúde. Foi só então que os dirigentes viram bem a falta que lhes fazem estes modestos trabalhadores que ganham 30$00 por um serviço extenuante; houve correrias, telefonemas, e um engenheiro levantou-se da cama para vir pedir aos carregadores que voltassem ao trabalho, mas estes respondem finamente: *«Debaixo de chuva não trabalhamos!»* Alguém se lembrou então de que havia arrecadados dezenas de fatos de oleado, muitos já estragados por falta de uso! Envergando os fatos, os valentes carregadores retomaram o trabalho, após duas horas de paralização.